

Bresser: "Embarco com segurança e apoio"

por Cláudia Safatle
de Brasília

"Embarco hoje (ontem) com muita segurança de que teremos bons resultados no início das negociações, porque nessa semana recebi tantos apoios — apoio do Senado, do meu partido e dos empresários — que acho que a sociedade brasileira está se unindo em torno de seus interesses." Esta declaração foi dada ontem pelo ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, pouco antes de embarcar para os Estados Unidos, onde deverá permanecer até o próximo dia 30.

Amanhã o presidente do Banco Central (BC), Fernando Milliet, o assessor especial para Assuntos da Dívida Externa, Fernão Bracher, e o diretor da Dívida Externa do BC, Antônio de Pádua Seixas, entregam a proposta de renegociação da dívida externa brasileira ao comitê de bancos credores, enquanto o ministro da Fazenda faz palestra no Council of Foreign Relations, em Nova York.

"Espero, meramente, iniciar formalmente as negociações. Ninguém vai voltar com as negociações prontas", ressaltou o ministro da Fazenda em entrevista coletiva. "Nós vamos fazer uma negociação firme, objetiva e cordial", assinalou.

O ministro da Fazenda estava satisfeito não só

com o apoio da classe política ao seu projeto de negociação, mas também com o documento do fórum informal de empresários, que formaliza a adesão de mais de duas dezenas de empresários representativos dos mais diversos setores, ao projeto de reestruturação da dívida externa elaborado pela equipe do Ministério da Fazenda e BC.

A abordagem tradicional de que o problema externo era de curto prazo, de liquidez, de ajustamento recesivo das economias endividadas, na opinião do ministro, "fracassou". Em conjunto, quinze países endividados do Terceiro Mundo reduziram em 7,5% a renda per capita nos últimos cinco anos, enquanto a inflação alcançou novos patamares. "Fracassaram, também, os índices de endividamento", assinalou Bresser, citando que a relação dívida externa/exportações aumentou significativamente, de três para quatro vezes, de 1982 a 1987.

"O problema está ficando, agora, maduro para solução", assinalou o ministro da Fazenda, citando a desvalorização das dívidas dos países em desenvolvimento no mercado secundário. "Os bancos credores já perceberam que tiveram prejuízos, estão agora mais fortes, e podem ceder uma parte desse prejuízo para nós."